

ADMINISTRAÇÃO

Revista da Flórida numero 40
Recorre-se a este e a outros artigos de interesse geral e publicos gratuitamente.

ASSIGNATURAS PARA O ANO DE 1880
Trimestre (modelo papel) 94000
Semestre 178000
Anno 324000
Pagamento adiantado

A PATRIA

ORGÃO DOS INTERESSES DA COLONIA BRASILEIRA NO RIO DA PRATA

Sociedade anonyma

DIRECTOR: CASSIO A. FARINHA

Diario da Manhã

PREVENÇÃO

Os novos agentes em Paris são os
Srs. Batard, Moriceau e C^o—Boulevard
Nassau, num. 50.

Os agentes da «Patria» no Rio de Janeiro
são os Srs. Lombardi e Companhia,
Rua dos Ourives numero 7.

AGENTES DA «PATRIA»
NA
Campanha e Exterior

Paris	Batard Moriceau e C ^o , Boulevard Nassau, n. 50.
Rio Janeiro	Lombardi & C ^o , Ourives 7.
Santa Catharina	Hermesgillo Linhares.
R. Paulo	Ottavio A. de Oliveira.
Santos	Il. Machado.
Porto Alegre	Carlos Pinto.
Rio Grande	Faustino Armando.
Santa Victoria	José Almeida dos Santos.
Jaguari	Marciano, Leite e Comp.
Bagé	Benito Gortan.
R. João Baptista	J. E. Pacheco de Andrade.
Itaquí	Pedro Antonio de Miranda.
Uruguaiana	Theobaldo Leix de Souza.
Concordia	José Pedro da Rocha.
Monte Caseros	José das Sales Pereira.
Salto	Guimarães e Echeverry.
Hem	A. Maximo Gomes da Silva.
Palma Sola	Daviel C. de Barros.
Dayman	Manuel R. Farinha.
Arenigui	Fernando Ritt.
Yacuy	Salvador Jardim.
Aracy	Antonio C. C. Macdonald.
Aracy	Manuel J. Silveira.
Payson	Mariano Gomes.
D. Esteban	Anibal J. de Souza.
Queguay	Laurindo José da Silva.
Tres Arroyos	Raphael França.
Arroio Grande	A. Antonio da Porciuncula.
Algrete	Fritas Valle e Jacques.
Itacaré	Pedro Jacobino Pereira.
R. Eugenio	José Machado.
Santa Rosa	Manuel Pereira Guimarães.
Rivera	José Luiz Vares.
Livramento	Guilherme Dias de Castro.
Taguarembó	Daniel Gomes de Freitas.
Hospital	Joaquim Vilga.
Durazero	Benjamin Paris.
Sarandi	Manuel Amaro da Silveira.
Capilla del Yarruco	Carlos Janje.
Cerro Largo	Carlos Roque de Oliveira.
Hem	Manuel Schora.
Cordover	D. G. Freitas Filho.
Artigas	Imael Vellasquez.
Tulita e Tres	Salvador Oliveira.
Fararitas	Manuel Leinho dos Santos.
Malborado	Silverio da Costa Pereira.
Sto Carlos	Ottavio A. Eguren y Avila.
Mina	C. Colonnell.

Almanach e Ephemerides

DIA 29

1762. O governador do Buenos Ayres tomou a
colônia do Sacramento.

701. João VI succede a Sergio no Pontificado.
S. Narciso b. m. (dia 29 de b. de Gervásio) S.
Marcello enterrado m. S. Theodoro ab; S. E.
teobla eg. m.

A PATRIA

Redactors: DAVIDSON E. C. F. F. F.

MONTEVIDEO, 29 DE OUTUBRO DE 1880.

Fausto anniversario

Faz hoje 61 annos S. M. El-Rei o Senhor
D. Fernando Augusto de Saxe—Coburgo—
Gotha, pae do Senhor D. Luiz 1.^o Rei de
Portugal e dos Algarves, etc.

São geras e populares as festas que nes-
te dia se celebram na patria que mandou

FOLHETIM DA PATRIA

27

MARÁBA

ROMANCE BRASILEIRO

POR

SALVADOR DE MENDONÇA

seu conceito. Muito bem, Sr. Dr. Agencio; é
também epícuo minha que se deve perder.
—Desculpe-me V. Ex. Sou de opinião
que se não mate, mas também que não per-
dão. O que se deve é remover de casa a par-
te contractante que fellou ao contracto.

Lucia levantou-se com a amiga. Ia-se
dançar uma valsa. As ultimas palavras de
Agencio haviam-na traspasado como uma
lâmina de aço.

XVI

Cerca de uma legua ao oeste da cidade de
Itú, o rio Tietê, depois de descrever o arco
que começa em Mogi das Cruzes e
vai terminando na fidelissima porção pau-
lista, intrometendo-se por estreito canal,
aperfeiçoando duas muralhas de granito,

Pedro Alvarez Cabral arrancar dos mares
perolas maiores que o seu proprio lero, e
este navegante obediente e cheio de patrio-
tismo, em fragil caravela singrou mares des-
conhecidos, e, guiado por estrella propicia,
crenda pelo altissimo para pharol dos portu-
gueses aportou ás vastas terras de Santa
Cruz.

Não é hoje Portugal menos feliz do que
nessas eras gloriosas; se não posua Vasco
da Gama, Bartholomeu Dias, Magalhães,
Camões e P. Antonio Vieira, tem em com-
pensão o jubilo de contar grandes ho-
mens como Serpa Pinto, Britto Capello,
Theophilo Braga, Latino Coelho e Carlos
Ribeiro, que poderosamente têm contribuido
para collocar Portugal a par das nações
contemporaneas mais adeantadas e venera-
das.

Não somente a Providencia tem sido be-
nevolente em favorecer com talentos e virtudes
os que viram o sol pela primeira vez nesse
extremo da Europa, como aquellas que por
circunstancias especiaes são portuguezes,
sem terem tido por berço na meninice esse
torrão, a que Lamartine chamou-o céu dos
homens; dotou-os de qualidades tão excellen-
tes e recommendaveis, que os tornam nota-
veis e queridos, como aconteceu a El-Rei D.
Fernando.

Nasceu o Rei-artista na Allemanha em
29 de Outubro de 1816; casou por procura-
ção com a rainha D. Maria II de Portu-
gal, filha do Imperador e Rei D. Pedro IV,
e irmão do actual Imperador do Brasil, em
1.^o de Janeiro de 1836, e em pessoa a 9 de
Abril do mesmo anno.

Em 15 de Novembro de 1853 soffreu a
dolorosa perda de sua cunhada e exemplar
esposa, e desde então foi Regente do Reino
até 16 de Setembro de 1855.

Apezar de estrangeiro e de ter recebido
uma educação muito contraria ao caracter
portuguez, foi tal o seu governo, tão honra-
do e louvado o seu procedimento, que ad-
quiriu profundas sympathias, e enraizou
para sempre nos corações portuguezes a
mais decidida affeição. Manteve-se n'uma
posição tão nobre, tão leal, e tão portu-
guesa, que robusteceu a arvore da paz, no
abrigo da qual se accheram muitos expa-
triados, que choravam no exilio as bonitas
campinas e os pittorescos rios da patria
amada, da qual estavam affastados por sen-
timentos politicos que não discutimos.

Deve-se a elle em grande parte o cam-
minho juncado de flores, que encontram o
sempre chorado Rei D. Pedro V, seu amantis-
simo filho, que nunca se desviou dos sa-
bios conselhos paternos.

O Sr. D. Fernando casou em segundas
nupcias, a 10 de Junho de 1859, com D.
Elisa Hensler, Condessa de Edla.

Este matrimonio, filho de um destes aco-
metimentos, que se respeitam e não se comen-
tam, deu occasio a desgraçado passageiro;
pouco tempo depois, o povo, dando
cuidados ás vozes d'alma, reconheceu que
não era justo em reprovar essa alliança, e
que a tão bondoso personagem devia dar o
direito de obedecer aos impulsos da seu no-
bre coração.

Passados os primeiros momentos a nora
esposa de D. Fernando conquistou a bem-
querença da nação, que não podia de ma-
neira alguma negar o culto devido ás boas
qualidades que a ornava.

El-Rei D. Fernando é um pintor mestre,
musico de grande merito e muito dedicado
às sciencias physicas e naturaes.

Os seus admiráveis quadros têm sido fes-
tejados, seu lino, peles mais celebris
criticos; e em varias exposições elles brilha-

despenha-se da altura de trinta pés com to-
do o peso de suas agnas caudadas e com fragor
horrendo.

E' o Salto.
Na sua lingua cheia de onomatopéas cha-
mou o indio á catadupa—Itú, e a catadupa
veio a dar o nome á cidade.

Nos dois diferentes planos, cortados de
improvisu pela queda formidavel, correm as
aguas mansas e tranquillias, no plano supe-
rior trai, ceiras como uma cidade, no plano
inferior accegadas como o reponso de uma
alma apoz violento abalo.

Emcima e algumas brags da catadupa
ha uma ponte assentada sobre jégões natu-
raes, por onde se entrava na pequena por-
ção do Salto que demora á direita do
rio, antes que a linha ferrea Ituaia lhe
abrisse accesso por essa parte.

Alaixo da ponte ha um redomoinho ver-
tiginoso a que o povo chama o funil e a que
se prendem mil tralhões e lendas.
Quasi a cavalleira do funil o jardim de
uma pictoresca vivenda, construida junto á
ponte e á entrada da portagio, debruça-se
sobre a torrente.

Do mesmo lado e a espaços estendem-se
as casas do commercio, e em uma eminên-
cia a poetica e velha capella de Nossa Se-

ram entre as melhores manifestações do ta-
lento.

Amado extremosamente de seus filhos:
El-Rei D. Luiz; o Infante D. Augusto, Con-
destavel de Portugal; a serenissima prince-
za D. Maria Anna, casada na casa de Saxo-
nia e D. Antonia, casada na de Hoenzol-
lern—Sigmaringen; querido de sua affecti-
va esposa e idolatrado pelo povo portuguez,
—gosa o senhor D. Fernando das delicias
mais mimosas, que podem constituir a ver-
dadeira felicidade neste mundo.

No seu rico e magestoso palacio de Cin-
tra tem uma famosa collecção de quadros
dignos da mais detida visita; muitas pre-
ciosidades artisticas e historicas possui D. Fer-
nando, sempre prompto a mostralas com
grande franqueza, deixando captivos a todos
que tem a honra e praser de com elle tra-
tar.

No seu LXIV anniversario natalicio, llo-
cava a Patria os mais respeitosos cumprimen-
tos; nos portuguezes es parabens pela
conservação da vida de tão virtuoso e illus-
trado personagem; e, fazendo votos pela
prosperidade de Portugal, o orgão da co-
lônia brasileira, patenteia mais uma vez a sua
sensibilidade ás alegrias dos seus irmãos da
Europa.

ECHOS DO BRASIL

Camar dos Deputados

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 1 DE
AGOSTO DE 1880 PELO DEPUTADO MARCO-
LINO MOURA.

O senhor Joaquim Nabuco—Não retirei,
Não me deixaram fundamental-o, mas eu
vou fundamental-o pela imprensa, vou es-
crever um livro a este respeito.

O senhor Marcelino Moura—Bem, mil
vezes que o parlamento lhe tivesse negado
a urgencia, mil vezes V. Ex. devia inas-
tir na defeza dessas grandes idéas que não
morrem.

O senhor Joaquim Nabuco—Sem duvida,
mas o nobre deputado não supponha que
eu abandonei o meu projecto. Eu apreendi
uma grande parte delle, mas não me do
licença para fundamental-o todo; quer
o nobre deputado que eu imponha á cá-
mara?

O senhor Marcelino Moura—... e que
tem a seu favor a propheta de todos os
tempos e de todas as religiões, o rastro lu-
minoso e ensanguentado da philosophia. Je
os testemunhos da historia essa educação
divina do genero humano por meio da razão
e da liberdade.

Sr. presidente, concluo aqui as minhas
observações, desejando ouvir a opinião do
nobre presidente do conselho sobre diversos
projectos que prohibem a exportação de es-
cravos de umas provincias para outras, e
que foram considerados urgentes, visto fa-
zerem parte da ordem do dia.

Tomei a palavra para dar estas explica-
ções á câmara e ao paiz, e antes de concluir,
rendo homenagem á nobre commissão de
fazenda pelo bem elaborado parecer que
apresentou sobre o orçamento da receita do
paiz. (Apoiados.)

O senhor Joaquim Nabuco—E' o trabalho
mais notavel que se tem apresentado nesta
câmara sobre rendas publicas.

O senhor Marcelino Moura—Fui um da-
queles que censuraram o nobre relator pela
demora de seu parecer. (O Sr. Andrade
dá um aparte.)

O senhor Marcelino Moura—... agora
venho pedir-lhe desculpa, porque sei que
S. Ex. muito trabalhou, e que o tempo foi

nhora do Monte Serrate clia para o peque-
no burgo encerrado entre a collina e o rio.
Na mesma margem e sobre uma rocha
alterosa erguiam-se no anno em que se pas-
sou a verdadeira historia que ora contamos
nos leitores, as seguias ogivas de enorme fa-
brica, nesse tempo difficil de dizer si des-
tinadas algum castello senhorial, capricho de
algum fazendeiro millionario, si ao monu-
mento da industria alli hoje levantado pela
energica perseverança da iniciativa indivi-
dual.

Na margem opposta e abaixo da catarata,
assentado em uma penha lisa, um rancho
de rapé com as beiras no chão simulava
uma enorme ave aquatica.

Em torno pequenas collinas, quasi todas
descobertas cu apenas coriçadas de capoei-
ras latidas, correm em varios sentidos.

A natureza parece haver concentrado to-
da a sua pujança na catadupa tremenda.

Grandes moles de granito ali sobrepostas
umas ás outras por braços titânicos de algu-
ma tribo de gigantes, negros monolithos en-
tremeiados ás moles, dão ás muralhas do ca-
nal um aspecto amesacador e torro.

De dia a queda da torrente parece ir ar-
rancar das entranchas do solo os mais ricos
mineraes, mil gemmas preciosas, para ati-

ajuda muito pouco para um trabalho sena-
lante.

S. Ex. consignou aquillo que nenhum go-
verno até então tinha consignado, isto é,
o principio de que os fundos com destino es-
pecial assim como os depositos, não consti-
tuem fontes de receita publica. O credito de
que gosa um particular, uma associação, o
estado emfim, não multiplica a somma das
riquezas de um paiz e não pôde ser conside-
rado fonte de receita.

A receita dos estados provém do fructo
dos seus dominios ou das contribuições, isto
é, do imposto que representa uma parte da
fortuna dos particulares para occorrer ás ne-
cessidades publicas. O governo, recebendo
um valor, de que um outro tem a posse,
contrahe uma obrigação de que fica sobre-
carregado o estado; pôde ser considerado
como um recurso que permite gastar mais
celo e que elle tem de receber mais tarde.

Lembro somente ao illustre relator da
commissão que ha no seu orçamento um
imposto que eu acho injusto e desigual, é o
que eu chamarei imposto de re-exportação,
que vai pesar somente sobre as provincias
que não tem commercio directo com os pa-
izes estrangeiros e não actualmente na que
se acham em maior penuria, como a Para-
hyba, Rio Grande do Norte, Ceará, etc.

A nobre commissão diminuiu diversos im-
postos, e fez bem porque o imposto excesi-
vo produz um mal moral e no mesmo tem-
po um mal material. O mal material estan-
dado as fontes da receita publica, interpe-
cendo a acção productora das industrias do
paiz, e o mal moral animando a fraude o
contrabando, e augmentando no mesmo tem-
po as despesas com uma fiscalização excessi-
va e vexatoria.

O illustre relator da commissão desceio ao
estado das forças productivas do paiz pe-
diendo mais a umas industrias e a outras me-
nos, conforme o seu desenvolvimento con-
seguinte um bem orçamento debaixo do ponto
de vista em que deve-se collocar todo o es-
tadista que estuda as finanças do seu paiz.
(Apoiados.)

E' tudo quanto tenho a dizer na precente
discussão. (Muito bem; muito bem.)

Um senhor deputado—Fallou brilhante-
mente.

(O orador é cumprimentado por muitos
senhores deputados.)

ACTUALIDADE

Viagem á China

A Gazeta de Noticias do Rio recebeu do
seu redactor em viagem a China o Sr. Eliseo
Mendes a seguinte carta que transcrevemos:
Pekin, 1.^o de Agosto de 1880—Os hori-
zontes politicos estão aqui muitissimo nu-
blados. A guerra com a Russia está por
um fio, e quanto a mim será inevitavel.

Não é a China que a quer, é a propria Rus-
sia, cuja maior parte da esquadra anda es-
perando ordens n'estes mares.

Quando eu digo que a China não quer
a guerra, deve comprehender-se por ella
somente uma duzia, se tanto, de homens
que conhecem as nações do occidente, en-
tre os quaes figuram o príncipe Kong, tio
do actual imperador e ministro dos negocios
estrangeiros, e Li-Hung-Chan, vice-rei da
provincia de Petcheli, encarregado pelo ce-
lestial governo de fazer o tratado de com-
mercio e amizade com o Brazil.

O resto da população d'este vasto impe-
rio, o que falta para completar os seus
quatrocentos milhões de habitantes, pensa
que a guerra té deve fazer e que, uma vez

ral-ar, espadando, de encontro ás fragas,
alas dos reis vellos contemplando o alymo,
coroados com as esmeraldas da vegeta-
ção e envoltos no arminho das espumas: ba-
rathro e assembleia, ira e conselho, sitio de
pavor e de meditação.

A' tuite, curvem-se mugidos e estertores,
queixas e lamentos como a sahrem de uma
voragem medonha. Dir-se-hia haver ali ao
alcançe do olhar humano a entrada de um
dos cycles apenas senhado pela ferida im-
aginção do divino poeta. Vultos indistinc-
tos agitam-se e estorcem-se naquellas trevas
meio aluminadas pela luz que se não sabe
de onde vem, si do proprio barathro, si do
firmamento constellado.

Si, porém, a lua ergue pallida imagem
ácima da catadupa, as aguas revoltas em cal-
xões cobrem-se com o disco luminoso do ar-
co-iris, e pousando nelle a planta subtil en-
volve-se em um véu de nevasca a fada Ma-
e'd'Agua, no dizer singelo do povo, e sobe áci-
ma do Salto até voar nas azas do vento.

O vinvor é colhido de surpresa por tama-
nha maravilha, embaldo tenta arrancar-se á
reducção daquelle espectáculo.

Ao cahir da tarde, bandos de andorinhas,
descendo ora em espirros, ora em chusmas
compactas, pousam na muralha da parte es-

decalada, as tropas chinezas marchando em
passo até S. Petersburgo. A sua igno-
rancia é tão absoluta como a inutilidade dos
seus recursos bellicos e dos seus arma-
mentos.

Uma grande parte do exercito chinês usa
armas de gatilho sem pancada, em que ao
cabo se acha adaptada uma mecha accessa
para ir transmitir o fogo á polvera accumu-
lada junto ao ovidio da espingarda. Mas
isto não é tudo. A arma não tem coronha,
tem apenas a cauda torçada do um dragão.
Tambem não tem mira, coisa que elles des-
conhecem. Não fazem, portanto, pontaria.
Collocada horizontalmente, e pendurada nos
dois braços cahidos, disparam na direcção
aproximada do inimigo!

A verdade, porém, é que os chins nunca
contaram com os recursos da sciencia mo-
derna das guerras para vencer as batalhas.
Elles tem outros elementos contra os barba-
ros do occidente. A sua superstição forne-
ce-lhes em grande quantidade. O impe-
rador vai ao templo fazer oração, o o Deus
da guerra não deixa de o attender, visto
como depende d'elle mandal-o lançar ao rio
ou expatriar-o. Além disso o dragão com
as fauces abertas, os olhos sahidos das or-
bitas, a cauda enroscada no corpo, e as uni-
as aguçadas existe por toda a parte, no
cimo das muralhas, na cimalha das casas,
nos angulos dos telhados, nas coronhas das
espingardas, nas blusas dos soldados e no
pavilhão nacional, a subjugação o impeto dos
barbaros, que não poderão jámais quebrar
o seu encanto.

A China é isto mesmo, salvo os poucos
homens a que já me referi e que conhecem
quantas calamidades e quantas vergonhosas
derrotas lhe vai trazer a guerra com a Rus-
sia. Não disfarçam mesmo as apprehen-
sões que tem do inimigo entrar em Pekin e
ahi dictar as leis do vencedor, leis que elles
sabem previamente comprehender a mais
vergonhosa humilhação para o seu paiz e a
conquista de mais vastas concessões para os
interesses do occidente.

Ultimamente chegou aqui a noticia de te-
rem sido cobardemente massacrados, na
fronteira, pelos chins um coronel de enge-
nheiros russo, que andava em trabalhos
scientificos, e dez cosacos da sua escolta.

N'esta mesma occasio eu parti para a
fronteira da China a visitar a grande mura-
lha, em Ku-pi-kó, um dos pontos mais af-
astados em que ella passa.

Pessoas residentes n'esta capital, haviam-
me aconselhado do não ir lá n'esta occasio,
porque exactamente o que convinha evitar
na China era o encontro de soldados, cuja
indisciplina é proverbial, e aos quaes se de-
ve attribuir o massacre dos russos, sendo
certo que estes agglomeravam-se nos diver-
sos pontos da fronteira mongolica actual-
mente.

Na viagem que foi longa, por caminhos
intransitaveis, alagatos como rios, ou la-
macentos como os terrenos de vasa visitados
pelas marés, tive apenas um incidente de-
sagradavel que me veio confirmar aquella
opinião sobre o exercito chinês.

Proximo do Ku-pi-kó, onde ha diversas
casernas e grande agglomeração de tropas,
trez soldados tomaram-me o caminho e pre-
tenderam provocar-me, com ditos grosseiros
e gestos que manifestavam bem as suas in-
tuições. Não entendendo o que diziam e
fazendo por conseguinte curvidos de merca-
dor, dei de mão nos gestos e deixei os pro-
vocadores com o meu guia, que, sendo chin
como elles, melhor deviam entender-se en-
tre si. A minha ausencia terminou a pro-
vocação que polia apenas ter o character
geral de hostilidade aos estrangeiros com-

querda do rio. A muralha é cortada a pique
as arevinhas seguras-se á penha e conser-
vam-se de pé até á alvorada, mas tão uni-
das, tão conchegadas e em tamanha copia
que parece haver alguma mão mysteriosa
coberto a lapa com um sudario negro. Os
naturaes do lugar chamam tapera as arevi-
nhas singulares que alli vão dormir.

No fim do mez de Junho de 1872 o ran-
cho de rapé, pousado á beira rio tinha mo-
rador.

Era a tóca da coruja do Salto, como já
chamava o povo dos arredores á velha mes-
ta que havia cerca de dous mezes para lá
fóra habitar.

Quem tem viajado pelo interior do Brasil
e conhece as abusões e crendices que ainda
enchem os nossos sertões, com greve delirio
mento de nossa civilização, mas com verda-
deiro proveito para os raros colleccionadores
das nossas tradições populares, farta seara
litteraria que mal começamos a segar; terá
reconhecido que o typo universal da bruxa ou
feiticeira conserva-se entre nós em toda a
sua primitiva belleza ou hediondez.

Tomada de ordinario á má parte, a locu-
ção exprime quasi sempre o genio má de
uma casa, de um sitio, ás vezes de um ser-
tão inteiro. Mixto, porém, da superstição

mun no paiz, mas que podia também che-
gar a consequências funestas.

A grande muralha é o cumulo da grandeo-
za da tolice.

São o desce montanhas altissimas e agu-
das como agulhas em cujas pontas se avis-
tam fortes, que do certo só devem servir
para ninhos de aguias.

É esperada aqui brevemente uma missão
diplomática dos Estados-Unidos, que vem
fazer a revisão do tratado do modo a impe-
dir a corrente de emigração para a Califór-
nia ou pelo menos a modificá-la.

É curioso que se juntem aqui ao mesmo
tempo, os enviados de duas nações america-
nas, uma para ver se conseguem estabelecer
a corrente de emigração e os outros para
tentar pôr-lho obstaculos.

A primeira vista parece que se um dos
paizes tem excesso do imigrantes e quer
reemigrá-los, devia entender-se do preferen-
cia com o outro paiz que os quer o que os
procura, para lhos-impingir.

Porque eu não sei como se ha de estabe-
lecer a concepção. O governo da China prohi-
bira a sahida do chinês para a California? Mas
isto é um attentado á liberdade, que a gran-
da republica americana não poderá subscre-
ver sem attentar contra os mais sagrados
principios da sua propria existencia. O meio
effizaz seria cortar as suas relações de na-
vegação directa com a China. O chinês como
a formiga. Em caminhando as primeiras se-
guem as outras atraz sem se desviarem,
mas se llo interrompem o caminho tras-
malham-se e perdem a consciencia do que
querem fazer.

Cortar, porém, uma navegação que dá
bons resultados é tão difficil como estabelecer
uma que os não pôde dar.

Se o Brasil quizer, com effeito, introduzir
chins no paiz, não tem nada mais para fazo
do que por os olhos nos Estados-Unidos o
segur-lhes o processo.

